



Seção: Varia

Marx, Rubin e o debate soviético sobre trabalho abstrato

Marx, Rubin and the Soviet Debate on Abstract Labor

Marx, Rubin y el debate soviético sobre el trabajo abstracto

Rafael de Almeida Padial¹

Ricardo Pereira de Melo²

Resumo

O artigo busca expor a interpretação da teoria de Karl Marx desenvolvida pelo economista soviético Isaak Rubin durante os anos 1920. Particularmente interessante para a nossa análise é o debate travado entre Rubin e Isaak Dashkóvski a respeito da teoria do valor e especificamente sobre o conceito de trabalho abstrato. O debate entre os autores está presente em edições da revista soviética *Sob a Bandeira do Marxismo* [*Pod Znamenem Marksizma*] e na terceira e quarta edições dos *Ensaio Sobre a Teoria do Valor de Marx*, de Rubin. Destacaremos como o debate com Dashkóvski levou Rubin a refinar seus conceitos, particularmente sua interpretação do trabalho abstrato. Assim, o artigo busca recuperar a riqueza das interpretações desses dois economistas soviéticos a respeito da teoria do valor de Marx. O debate também nos permite refletir sobre a natureza de uma economia de transição para o socialismo, fomentando a reflexão sobre as potencialidades e consequências políticas da teoria do valor de Marx.

Palavras-chave: Teoria do valor. Trabalho abstrato. Crítica da Economia Política. Karl Marx. Isaak Rubin.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor assistente (*Second Faculty*) no Brooklyn Institute For Social Research (BISR).

² Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).



Abstract

The article seeks to present the interpretation of Karl Marx's theory developed by the Soviet economist Isaak Rubin during the 1920s. Particularly interesting for our analysis is the debate carried out between Rubin and Isaak Dashkovsky regarding the theory of value and specifically the concept of abstract labor. The debate between the authors is expressed in issues of the Soviet journal *Under the Banner of Marxism* [*Pod Znamenem Marksizma*] and in the third and fourth editions of Rubin's *Essays on Marx's Theory of Value*. We will highlight how the debate with Dashkovsky led Rubin to refine his concepts, particularly his interpretation of abstract labor. Thus, the article seeks to recover the richness of the interpretations of these two Soviet economists concerning Marx's theory of value. The debate also allows us to reflect on the nature of an economy in transition to socialism, fostering reflection on the potentialities and political consequences of Marx's theory of value.

Keywords: Value theory. Abstract labor. Critique of Political Economy. Karl Marx. Isaak Rubin.

Resumen

El artículo busca exponer la interpretación de la teoría de Karl Marx desarrollada por el economista soviético Isaak Rubin durante los años 1920. Particularmente interesante para nuestro análisis es el debate desarrollado entre Rubin e Isaak Dashkovski acerca de la teoría del valor y, específicamente, sobre el concepto de trabajo abstracto. El debate entre los autores está expresado en ediciones de la revista soviética *Bajo la Bandera del Marxismo* [*Pod Znamenem Marksizma*] y en la tercera y cuarta ediciones de los *Ensayos sobre la Teoría del Valor de Marx*, de Rubin. Destacaremos cómo el debate con Dashkovski llevó a Rubin a refinar sus conceptos, particularmente su interpretación del trabajo abstracto. Así, el artículo busca recuperar la riqueza de las interpretaciones de estos dos economistas soviéticos acerca de la teoría del valor de Marx. El debate también nos permite reflexionar sobre la naturaleza de una economía en transición al socialismo, fomentando la reflexión sobre las potencialidades y consecuencias políticas de la teoría del valor de Marx.

Palabras Clave: Teoría del valor. Trabajo abstracto. Crítica de la Economía Política. Karl Marx. Isaak Rubin.

Introdução

O economista soviético Isaak Rubin, com seu livro *Ensaio sobre a teoria do valor de Marx* [título original em russo: *Очерки по Теории Стоимости Маркса*], estabeleceu uma nova tradição interpretativa da crítica da economia política desenvolvida por Karl Marx. Tal tradição, ao enfatizar os elementos qualitativos do conceito de valor, a forma do valor e a importância da esfera da circulação de mercadorias como modeladora

da sociabilidade capitalista, buscava superar dificuldades teóricas levantadas contra a teoria de Marx por autores como E. von Böhm-Bawerk e membros da chamada “revolução marginalista”. A partir da década de 1970, com a circulação da obra de Rubin no Ocidente, sua interpretação ganhou apoio entre estudiosos da obra de Marx. Isso reapresentou um debate sobre o conceito de *forma do valor*, antes praticamente esquecido pela interpretação tradicional (a qual enfatizava principalmente os aspectos quantitativos da teoria do valor e mesclava as teorias de Marx e Ricardo). As traduções ocidentais da obra de Rubin fomentaram a discussão sobre o conceito de trabalho abstrato, afastado de seu significado fisiológico e destacando seu caráter social.

Em todo o mundo, a tradição de leitura do livro de Rubin baseia-se corretamente em sua última edição, publicada pelo autor em 1930. Contudo, como frequentemente acontece, o resultado oculta parte do processo; isto é, a forma final não revela todos os esforços de determinado autor para alcançá-la. No caso da recepção ocidental do livro de Rubin, a incompreensão do seu processo de maturação intelectual foi agravada pelo fato de que todas as traduções *omitiram partes dos textos originais* contidos na terceira (1928) e na quarta (1930) edições. Tal problema só foi resolvido neste ano de 2025, com a publicação em inglês dos *Ensaio*s de Rubin, editada e traduzida por Susumu Takenaga e publicada na série Historical Materialism da editora Brill (Rubin, 2025). Entre os trechos omitidos nas edições ocidentais anteriores, destacam-se as respostas de Rubin às resenhas críticas de seu livro. Na terceira edição, a posição de Rubin a respeito de tais debates é expressa no apêndice intitulado “Resposta aos críticos”, “*Отвѣтъ Критикамъ*”, também presente (com acréscimo) na quarta edição. A nosso ver, os debates entre Rubin e seus críticos são ricos para compreender *como o autor desenvolveu e refinou as suas concepções*. Neste artigo pretendemos destacar apenas um desses debates – o realizado entre Isaak Rubin e Isaak Dashkóvski em meados da década de 1920 a respeito do conceito de *trabalho abstrato*.

Este artigo contém cinco partes: 1) uma contextualização da conjuntura soviética da década de 1920 (período em que o livro de Rubin foi escrito e em que os debates ocorreram); 2) um breve comentário sobre o significado da obra de Rubin; 3) uma apresentação detalhada da crítica de Dashkóvski a Rubin; 4) uma apresentação da resposta de Rubin a Dashkóvski; 5) uma breve conclusão.

Breve apresentação do contexto econômico em que a obra foi escrita

O início da década de 1920 na república soviética foi marcado por intensos debates sobre questões econômicas. Não poderia ser diferente: aqueles que buscavam se colocar à frente do país, para dirigi-lo, propunham estabelecer (ou alcançar) uma nova forma econômica, idealmente superior ao capitalismo. Disso resultaram inúmeros debates, especialmente aqueles que questionavam categorias e instrumentos econômicos comuns à sociedade capitalista. Assim, discutiu-se o objeto da economia política, a validade ou não da lei do valor, a necessidade de instrumentos monetários, a forma do salário, as maneiras de estabelecer contabilidade social etc.

Como pequeno exemplo de um dos problemas mencionados acima, lembremos que E. Preobrazhenski, um dos maiores economistas soviéticos de então, defendia, no ano de 1920, que a impressão de dinheiro pelo Estado, não lastreada em ouro ou prata, levaria à desvalorização do dinheiro e isso seria louvável – um passo no desaparecimento dos instrumentos monetários. Afinal, pensava ele, o objetivo do socialismo seria abolir o dinheiro e estabelecer novas formas (conscientes e diretas) de contabilidade e organização do trabalho social. Em suma: a emissão de moeda não lastreada em dinheiro-mercadoria levaria à abolição do dinheiro e das mercadorias³.

Edward H. Carr, no segundo volume de sua obra *The Bolshevik Revolution, 1917-1923*, apresenta assim a posição do governo soviético no período do chamado “comunismo de guerra” (de 1918 a 1921): “O desenvolvimento da reconstrução socialista da vida econômica demandava necessariamente a renúncia às relações recíprocas privadas do capitalismo na [esfera da] produção e a eliminação do último refúgio de influência do dinheiro nas relações entre os fatores econômicos” (Carr, 1985, p. 264). A ausência de trocas levaria à abolição do dinheiro (valor de troca) e do valor. O argumento principal, ainda segundo Carr (1985, p. 265), é que “quando uma empresa estatal fornece bens ou serviços a outra, a transação não seria registrada em termos monetários, ou – dado que nenhum padrão alternativo foi proposto – em quaisquer termos de expressão de valor”. Ensina também ele que, em 1919, um livro do conselho nacional de economia

³ Diz Preobrazhenski (2014, p. 733): “Glória à nossa impressora! É verdade que não lhe resta muito mais tempo de vida, mas já completou três quartos do seu trabalho. Nos arquivos da grande revolução proletária, junto com os canhões, rifles e metralhadoras da nossa época, o mecanismo da metralhadora [de impressão de dinheiro] do Narkomfin ocupará um lugar de honra”.

argumentava que “[c]ontabilidade requer outra unidade constante; isso provavelmente será a unidade de tempo de trabalho, que no futuro poderá ser convertida numa unidade universal de conta de energia de vida – a caloria” (Carr, 1985, p. 266). Assim, buscava-se substituir a contabilidade baseada em algo indiretamente social, como o valor de troca (dinheiro), pela contabilidade em algo diretamente social, o gasto concreto em energia.

É graças a tais concepções que alguns bolcheviques começaram a defender a contabilidade em “unidades de trabalho”, *labour unit* ou “tred” (do russo “*trudovaya edinitsa*”). Tal concepção se assentava numa tradição fisiológica de interpretação da teoria do valor de Marx desenvolvida sobretudo por A. Bogdanov. Ainda no segundo semestre de 1920, o Conselho de Comissários do Povo defendia a não necessidade de moeda para a contabilidade entre indústrias socializadas e os debates giravam em torno da implementação da unidade de trabalho, o “tred”, ou, ainda, de sua possível rival, o “ened” – a unidade de gasto de energia/caloria.

Entretanto, devido às dificuldades provenientes do atraso econômico russo (sobretudo, graças ao gigantesco número de propriedades camponesas), o conjunto dos bolcheviques se viu forçado a se afastar do “comunismo de guerra” e estabelecer relações de favorecimento de mercado. Buscou-se uma moeda estável, lastreada em prata e assentada em esforços governamentais tradicionais de política monetária e fiscal (reservas, superávit orçamentário, déficit público etc.). Não nos cabe aprofundar isso aqui, mas tais esforços foram parte do ficou conhecido como Nova Política Econômica – NEP, na sigla em russo.

Foi em meio às discussões da NEP (implementada em 1921) que Rubin publicou o livro que ora pretendemos comentar, os *Ensaios Sobre a Teoria do Valor de Marx* (primeira edição, 1923). Além disso, boa parte do debate teórico que se desenvolveu a respeito do livro de Rubin ainda ecoava discussões dos períodos do comunismo de guerra e do estabelecimento da NEP.

Devido ao limite de tamanho deste texto, não faremos uma exposição do conjunto das posições de Rubin em seus *Ensaios*. Nosso foco é discutir o debate entre Isaak Rubin e Isaak Dashkóvski a respeito do conceito de trabalho abstrato.

Os Ensaios Sobre a Teoria do Valor de Marx e o conceito de trabalho abstrato

Em sentido geral, Rubin, baseado em Marx, buscava aprofundar a compreensão dos traços fundamentais que caracterizariam o modo de produção capitalista. À diferença de intérpretes anteriores, o economista soviético se esforçava para destacar *as específicas formas históricas* que as relações de produção entre as pessoas assumiriam na sociedade capitalista⁴. Rubin argumentava que o conceito de trabalho abstrato, desenvolvido por Marx, caracterizaria um tipo específico de trabalho, existente apenas no capitalismo. Seria apenas o trabalho abstrato que, segundo Rubin, produziria valor.

Entretanto, para o economista soviético (na primeira e na segunda edições dos *Ensaios*, de 1923 e 1924, respectivamente), Marx teria dado base a certa confusão, ao apresentar em *O Capital* que trabalho abstrato é “dispêndio produtivo de cérebro, músculos, nervos, mãos do homem e, neste sentido, trabalho humano”. Com isso, Marx (segundo Rubin) teria projetado um *traço fisiológico* sobre o conceito analisado, abrindo espaço para certa dubiedade. Em suma, o próprio autor de *O capital* teria dado base à interpretação fisiológica ou “substancialista” do trabalho abstrato.

Alguns dos economistas criticados por Rubin consideravam o trabalho abstrato, produtor de valor, como redutível a unidades de gasto de energia (calorias, por exemplo). De tal forma, o trabalho abstrato, enquanto trabalho humano em geral, seria uma objetividade existente na força física dos indivíduos, despendida nos atos concretos de trabalho. Não haveria razão, segundo tais autores, para afirmar que o trabalho abstrato (e, portanto, também o valor) deixaria de existir sob o socialismo. Afinal, também no socialismo o trabalho poderia ser considerado como gasto calórico de energia humana. De acordo com tais economistas, tratar-se-ia de realizar uma espécie de “aplicação consciente” da lei do valor.

Em sentido contrário, Rubin considerava que tais economistas não compreendiam o que distinguia Marx da tradição econômica clássica (especialmente de David Ricardo, que atribuía menor importância à esfera da circulação); que não eram

⁴ Nesse sentido, como o próprio Rubin comenta no capítulo 12 da quarta edição de seus *Ensaios*, a obra de Rudolf Hilferding foi importante para o desenvolvimento de sua interpretação. Entre os economistas criticados por Rubin estão P. V. Struve, A. A. Bogdanov e I. I. Stepanov, responsáveis por conhecidas traduções russas e comentários de *O Capital*, bem como os envolvidos no debate sobre “trabalho socialmente necessário” (M. Dvolaitski, A. Mendelson e V. Motylev), publicado em diversos números da revista *Sob a bandeira do marxismo* [Под знаменем марксизма]. Veja-se, a esse respeito, a primeira nota de rodapé do capítulo 17 da quarta edição dos *Ensaios* de Rubin (2025); e Susumu Takenaga (2025).

rigorosos no uso dos conceitos herdados do autor de *O Capital*; e que transferiam para a economia de transição ao socialismo formas proeminentes apenas sob o capitalismo (como o valor e o trabalho abstrato). Ao fazê-lo, as fronteiras entre diferentes formações sociais seriam apagadas, desarmando teoricamente o proletariado. Contudo, como o autor reconheceu no prefácio da terceira edição russa, algumas de suas próprias formulações sobre o trabalho abstrato na segunda edição dos *Ensaio*s podem ter dado origem a interpretações equivocadas. Como afirma aí, foi necessário reformular capítulos inteiros e revisar significativamente seções de outros. Entre as interpretações equivocadas estaria a de Dashkóvski, à qual Rubin respondeu detalhadamente na terceira edição de sua obra.

A crítica de Dashkóvski a Rubin

Um ano após a publicação da primeira edição dos *Ensaio*s (1923), veio à luz a segunda edição. Segundo Susumu Takenaga (2025), a nova edição, apesar de bem maior do que a primeira, não trouxe revisões de conteúdo significativas nem resposta a resenhas críticas a respeito da primeira edição (tais resenhas teriam sido de pouca expressão). A edição de 1924 continha novos capítulos, desenvolvendo temas ou deixando mais claros argumentos anteriormente apresentados pelo autor. Entretanto, talvez devido à complexa conjuntura soviética de meados dos anos 1920, essa nova edição deu base a um amplo debate, que durou até que Stálin e sua claqué colocassem fim à discussão, por volta de 1930⁵.

A discussão sobre a obra de Rubin contou com diversos participantes, entre os quais inicialmente se destacaram A. A. Vosnecenskii (em 1925) e I. Dashkóvski (em 1926). Após a terceira edição (1928) dos *Ensaio*s, o debate se tornou mais acalorado (com destaque para as críticas de A. Cohn, C. C. Shabs, B. Borilin e S. Bessonov)⁶. Entre todas essas discussões, a que mais nos interessa no momento – e que em grande medida teria motivado Rubin a retrabalhar seu livro para a terceira edição – foi a promovida por Dashkóvski, crítico da concepção de trabalho abstrato apresentada nos *Ensaio*s.

Isaak Kliment'evich Dashkóvski (1891–1972) foi um revolucionário nascido na Ucrânia que se uniu à facção bolchevique em março de 1917. A partir do início da década

⁵ Sobre a repressão de Stálin a intelectuais revolucionários soviéticos, compreendida à luz da perseguição a Rubin, ver Boldyrev e Kragh (2015).

⁶ Ver lista detalhada dos principais autores e artigos do debate em Takenaga (2025).

de 1920, aproximou-se do grupo denominado “Centralismo Democrático” (ou “decistas”, devido às iniciais “DC” de seu nome). Os decistas se opunham pela esquerda a algumas políticas do governo bolchevique, que denunciavam como portadoras de tendências burocráticas e personalistas. Para eles — dando sentido ao próprio nome do grupo — era necessário recuperar o aspecto democrático do centralismo partidário (especialmente após a proibição de facções internas no Partido Bolchevique em seu 10º Congresso, em 1921, medida à qual se opuseram)⁷. Dashkóvski também foi professor universitário desde o início da década de 1920 e, em 1927, assinou a “Plataforma dos Quinze”, que formou o grupo de oposição herdeiro do legado do “Centralismo Democrático”; atuou conjuntamente com a Oposição Unificada (de trotskistas, zinovievistas e kamenevistas) em 1927 contra o fenômeno stalinista emergente. Por essa razão, foi expulso do partido também em 1927 e, poucos anos depois, enviado a prisões e campos de concentração, nos quais permaneceu por três décadas (durante as quais jamais deixou de protestar contra as arbitrariedades e as distorções históricas promovidas pelo stalinismo)⁸.

Dashkóvski, em seu artigo principal, “Trabalho abstrato e as categorias econômicas de Marx” [original: Абстрактный труд и экономические категории Маркса], pretende “provar a incompatibilidade” da teoria de Rubin sobre trabalho abstrato não apenas com a teoria de Marx, mas também com “o espírito da análise marxista” (Dashkóvski, 2024, p. 182). O autor comenta que Rubin distinguira três coisas onde Marx enxergara duas. Trata-se do problema dos dois aspectos do trabalho representado nas mercadorias. Onde Marx, segundo Dashkóvski, vira apenas trabalho concreto e trabalho abstrato-fisiológico, Rubin teria visto três elementos: trabalho concreto, trabalho abstrato e trabalho fisiológico.

Dashkóvski se baseia na chamada “Introdução” de 1857 aos *Grundrisse* de Marx para sustentar que existiria uma “produção em geral”. Marx, nesse texto jamais publicado, afirmou:

há determinações comuns a todos os estágios de produção, fixadas como universais pela mente; mas as assim chamadas condições gerais de toda produção nada mais são do que momentos abstratos, com os quais nenhum estágio histórico real da produção pode ser apreendido (Marx, 1976, pp. 25–26).

⁷ Seus principais representantes foram Timofei V. Sapronov e Vladimir Smirnov. Dashkóvski, em particular, foi um decista próximo aos trotskistas.

⁸ Para mais informações sobre a vida de Dashkóvski, ver Греченко, В. А. [Grechenko, V. A.] (1991).

Segundo o ucraniano, as formas sociais deveriam sempre que possível ser “reduzidas” ao que haveria de comum entre todos os modos de produção. Para reforçar a sua posição, Dashkóvski lembra que em *O Capital* – capítulo V do livro 1 –, na discussão sobre o caráter teleológico do trabalho, Marx fez também referência à ideia de “produção em geral”. O autor de *O Capital* supostamente se moveria de uma discussão técnico-material sobre os elementos de produção *em geral* para a discussão dos traços específicos do capitalismo. Assim se caracterizaria, segundo Dashkóvski, o “método de Marx”: passar do universal (produção em geral) ao particular e específico (a forma histórica determinada de um modo de produção). Essa “ciência político-econômica” mais geral, que estudaria as pré-condições universais e supra-históricas de produção, deveria ser dominada teoricamente – como uma “introdução obrigatória” [*mandatory introduction*] – *antes mesmo* de se passar às análises “econômicas” de Marx, como aquelas presentes em *O Capital*⁹.

As determinações abstratas, segundo Dashkóvski, seriam por um lado *supra-históricas*, referentes a todas as épocas, e, por outro, *históricas*, pois apenas numa época histórica particular se desenvolveriam plenamente e assumiriam uma *forma compreensível*. Em síntese:

Trabalho abstrato não é uma categoria que constitui a estrutura interna da sociedade burguesa. Trabalho abstrato relaciona-se a todas as épocas, na medida em que é tomado como conceito, mas torna-se uma ‘verdade prática’ apenas em um estágio particular de desenvolvimento histórico. Tal categoria pode ser chamada de histórico-condicional [условно-историческим] (Dashkóvski, 2024, p. 188)¹⁰.

Assim, o “histórico-condicional” seria aquilo que teria vigência histórico-universal, mas sob determinadas condições se manifestaria ou se realizaria. O trabalho abstrato, em sentido fisiológico, seria algo universal e trans-histórico, mas se manifestaria pela primeira vez no capitalismo, pois nele – e isto é fundamental para a interpretação de

⁹ Vale ressaltar que Marx não publicou essa introdução de 1857 (a qual restou como manuscrito e veio à luz apenas em 1907, graças à compilação de escritos do autor promovida por Karl Kautsky). Nessa mesma introdução, Marx sustentava que a sua exposição de crítica à economia política deveria se iniciar por uma seção ou livro a respeito da “produção em geral”. Tratar-se-ia de algo similar a um tratado de “materialismo histórico”, a ser estudado antes de se passar às categorias econômico-políticas propriamente referentes ao capitalismo. Marx, no entanto, abandonou esse projeto – por motivos que não cabe aqui desenvolver – e se focou na exposição conceitual de seu livro diretamente a partir da categoria da mercadoria (em *Para a Crítica da Economia Política* e em *O Capital*).

¹⁰ Para reforçar seu argumento, Dashkóvski retoma também a famosa analogia feita por Marx (nessa mesma “introdução”) entre a anatomia do macaco e a do homem (onde esta supostamente explicaria aquela, por ser mais “desenvolvida”).

Dashkóvski – teria surgido a mobilidade dos trabalhadores entre os diversos ramos de produção da economia. Afirmo o autor:

O conceito de trabalho abstrato se desenvolveu plenamente apenas com a produção mercantil, mas, por si só, relaciona-se a todas as épocas. Qual deve ser o seu conteúdo interno para que, mesmo que apenas nesse sentido limitado, ele possa se relacionar a todas as épocas? Precisamente este, que Marx nos fornece: trabalho como dispêndio de energia fisiológica em uma forma indiferente. A definição que Rubin apresenta não permite transferir a categoria de trabalho abstrato para além da produção mercantil (Dashkóvski, 2024, p. 190).

Considerando que o trabalho abstrato teria existência histórico-universal, Dashkóvski se pergunta então sobre o seu destino numa sociedade socialista. “Essa categoria desaparece sob o socialismo?” Sua resposta é bastante clara: “Pelo contrário, na sociedade socialista, essas condições [para a vigência do trabalho abstrato] são ainda mais desenvolvidas” (Dashkóvski, 2024, p. 190).

Segundo o autor, a emancipação em relação ao tempo de trabalho e a criação do tempo livre/disponível para o desenvolvimento das individualidades apenas fortaleceriam o conceito de trabalho abstrato. Com lógica férrea, Dashkóvski quase sustenta que numa sociedade socialista o trabalho concreto “desapareceria” em nome do abstrato – ou seja, nessa sociedade, as formas concretas de trabalho estariam mecanizadas a tal grau que seriam secundarizadas pelos indivíduos, os quais pensariam em trabalho meramente enquanto gasto genérico de energia, infelizmente necessário para a obtenção da verdadeira riqueza, o tempo livre.

Para Dashkóvski, o problema, sob o capitalismo, não consistiria na existência do trabalho abstrato enquanto tal, mas *no caráter reificado que o trabalho abstrato assumiria* sob o capitalismo. Segundo ele, “as mistificações da produção mercantil não surgem da transformação do trabalho concreto em trabalho abstrato, mas sim da expressão reificada dessa abstração” (Dashkóvski, 2024, p. 193).

Na sequência, o autor reforça a sua concepção de que o caráter abstrato do trabalho seria necessário para a contabilidade socialista:

Na segunda fase do comunismo, essas ‘marcas de nascimento’ desaparecem, e a sociedade comunista deixa o ventre do capitalismo, no que diz respeito aos princípios de distribuição. Contudo, permanece outra necessidade: a distribuição correta do trabalho entre diferentes ramos e a comparação de custos e resultados dentro de cada fábrica. Sem uma contabilidade quantitativa do trabalho, a produção organizada não é possível. Mas, qual trabalho é contabilizado aqui? Trabalho em geral, como forma determinada de energia

produtiva, independentemente da sua forma de manifestação (Dashkóvski, 2024, p. 197).

Noutro trecho de síntese, Dashkóvski sustenta ainda que a tarefa dos comunistas consistiria em algo como aplicar o trabalho abstrato “conscientemente”. Vejamos:

No entanto, qual é o papel cumprido por essa abstração ‘objetivada’? O papel de regulador da produção social. Essa necessidade econômica desaparece no socialismo? Não, pelo contrário, a regulação no socialismo adquire um caráter abrangente. A regulação assume a contabilidade do trabalho, o cálculo, abstraindo-se das propriedades concretas e da qualidade. [...] Na sociedade mercantil, ela [a abstração] ocorre espontaneamente e por meio da mediação das coisas; na sociedade organizada, conscientemente (Dashkóvski, 2024, p. 198).

Na reta final de seu texto, Dashkóvski sustenta que o caráter fisiológico do trabalho seria expressão do seu traço *diretamente social*, ou seja, demarcado no processo de produção (em sentido *inverso* ao que sustentara Rubin, ao afirmar que o trabalho abstrato expressava uma objetivação social indireta, conformada na esfera da circulação). Diz Dashkóvski:

A redução do trabalho abstrato a um dispêndio de energia fisiológica simples, impessoal, embora realizado por indivíduos – isso também é a expressão mais elevada do caráter social do trabalho, independentemente do fato de que, em aparência, ele se representa como uma categoria naturalista. ‘Fisiologia’, nesse caso, é um pseudônimo para a igualdade despessoalizada e absoluta de todas as formas de trabalho humano, a igualdade de todos os produtores, tomados como tal, ou seja, na qualidade simples de condutores de energia social. Que conteúdo social maior pode-se exigir das categorias econômicas? (Dashkóvski, 2024, p. 200).

Para concluir seu artigo, Dashkóvski se contrapõe outra vez a Rubin, para quem “o trabalho abstrato não inclui em si um único átomo de matéria”, e se envolve em discussões de caráter secundário.

A resposta de Rubin a Dashkóvski

A primeira resposta de Rubin às críticas de Dashkóvski veio à luz também nas páginas da revista *Sob a Bandeira do Marxismo*. Ela pode ser encontrada na edição n. 6, do ano de 1927, entre as pp. 88-119, no importante artigo denominado “Trabalho abstrato e valor no sistema de Marx” [original: Абстрактный Труд и Стоимость в Системе Маркса] (ver Rubin, 2023). Como comenta Takenaga (2025), Rubin usou amplamente esse artigo para retrabalhar trechos da terceira edição dos *Ensaio*s (com destaque para os

capítulos 12 e 14). Aqui analisaremos especificamente as posições expressas no capítulo 14 da obra de Rubin, pois é onde o autor diretamente trata do conceito de trabalho abstrato, em resposta a Dashkóvski.

No capítulo 14 (retrabalhado para a 3ª edição) de sua obra principal, Rubin explicita o quão importante é o conceito de trabalho abstrato para Marx. Trata-se de um dos “pontos centrais da teoria do valor de Marx”. Rubin lembra que Marx poucas vezes se vangloria de suas descobertas científicas, mas no caso do conceito de trabalho abstrato o alemão expressa claramente que se trata de uma das suas principais contribuições.

Logo no início do capítulo, Rubin esclarece que as posições de Dashkóvski teria muitos predecessores. A. Bogdanov, K. Kautsky e P. Struve seriam alguns dos mais conhecidos defensores do trabalho abstrato como algo fisiológico, mas entenderiam isso em sentidos diferentes e mais grosseiros do que o expresso por Dashkóvski. Bogdanov teria argumentado que trabalho abstrato é “trabalho simples”; Kautsky (em *As doutrinas econômicas de Marx*), que trabalho abstrato é gasto de energia em geral e algo que existe em todas as sociedades; Peter Struve, que trabalho abstrato é propriamente algo fisiológico.

Rubin mantém a sua crítica à ideia de que trabalho abstrato consiste em trabalho fisiológico. Diz ele:

A tarefa de Marx não era (como temos observado com frequência) reduzir o valor, analiticamente, a trabalho abstrato, mas deduzir o valor dialeticamente a partir do trabalho abstrato. E isto não é possível se o trabalho abstrato for compreendido como nada mais que trabalho num sentido fisiológico. Não é, portanto, accidental que os autores que sustentam coerentemente uma interpretação fisiológica do trabalho abstrato sejam forçados a atingir conclusões que contradizem nitidamente a teoria de Marx, a saber, que o trabalho abstrato em si não cria valor. Quem quiser sustentar a bastante conhecida afirmação de Marx, de que o trabalho abstrato cria valor e se expressa no valor, deve renunciar ao conceito fisiológico do trabalho abstrato (Rubin, 1987, p. 151).

Para o autor, o trabalho abstrato existiria especificamente graças ao caráter *mercantil* da economia capitalista. Ou seja, caso não houvesse trocas, não haveria trabalho abstrato nem valor. Entretanto, para não ser acusado de “circulacionista”, Rubin, faz uma importante ressalva:

Mas isto não significa que negamos o fato óbvio de que em toda forma social de economia a atividade de trabalho das pessoas se realiza através do dispêndio de energia fisiológica. O trabalho fisiológico é o pressuposto do trabalho abstrato, no sentido de que não se pode falar em trabalho abstrato se não existir dispêndio de energia fisiológica por parte das pessoas. Mas esse dispêndio de

energia fisiológica permanece exatamente como pressuposto, e não como objeto de nossa análise (Rubin, 1987, p. 151–52)¹¹.

O trabalho fisiológico, enquanto gasto de energia humana, existe em todas as formas sociais. Assim, seria um truísmo, uma obviedade que não necessitaria ser explicada. Esclarece Rubin: “Em toda forma social de economia, o trabalho humano é, simultaneamente, trabalho técnico-material e fisiológico”.

Para o autor, essa seria a concepção mais grosseira sobre trabalho abstrato enquanto trabalho fisiológico. Trata-se de ver o trabalho abstrato como mero gasto de energia. Entretanto, haveria outra, mais refinada. É a ideia de que o trabalho abstrato seria uma igualdade fisiológica criada objetivamente pelo fato de que no capitalismo há “transferência de pessoas de uma forma de trabalho a outra [...], processo social de redistribuição do trabalho social” (Rubin, 1987, p. 153). Trata-se da posição de Dashkóvski. É uma posição mais refinada porque vincula a ideia de gasto fisiológico à ideia de *igualação social* (promovida pela rotatividade dos trabalhadores entre os diferentes ramos econômicos). Essa concepção teria certa base real, e, de fato, apenas no capitalismo teria surgido a noção de “homem” em geral, com seu “trabalho humano genérico”. Como não supor que isso adviria da rotatividade e da indiferença frente ao processo de trabalho?

Mas, argumenta Rubin, tanto o trabalho fisiológico em geral (mero gasto de energia) quanto o trabalho *fisiologicamente igualado* não poderiam ser entendidos como trabalho abstrato. Na realidade, seriam os seus pressupostos. O trabalho abstrato não pode ser de natureza fisiológica, pois o valor é uma objetivação social. Assim, se o valor do produto do trabalho é uma função social, e não natural, então o trabalho que cria este valor não seria uma substância fisiológica, mas uma “substância social”. Rubin afasta a noção substancialista, fisiológica ou naturalista do valor, em nome de outra concepção de “substância” – algo de objetividade social/relacional, que só se efetiva graças aos atos de troca. Segundo ele teorizava já no artigo de 1927: “como trabalho abstrato é designada aquela parte do trabalho social total que foi igualada no processo de divisão social do trabalho por meio da equiparação dos produtos do trabalho no mercado” (Rubin, 2023, p. 235).

Segundo nosso autor, seria preciso distinguir três tipos de trabalho igualado:

¹¹ Ao final do capítulo, Rubin lida com outra acusação de “circulacionismo”, desta vez apresentada por C. Shabs. Dado o escopo deste artigo, deixaremos a resposta de Rubin a Shabs para um próximo texto.

- I. Trabalho fisiologicamente igual (trabalho que todo corpo individual produz, fora de qualquer relação, e pode ser considerado genericamente e como média social);
- II. Trabalho socialmente igualado (trabalho tornado igual graças à divisão social do trabalho, por exemplo, a rotatividade dos trabalhadores entre os ramos);
- III. Trabalho abstrato: trabalho igualado graças ao caráter *mercantil* da economia, por meio da equiparação dos produtos nos atos de troca.

Em seguida, Rubin argumenta que “[e]mbora o trabalho abstrato seja uma propriedade específica da economia mercantil, o trabalho socialmente igualado [o II] pode ser encontrado, por exemplo, numa comuna socialista”. E sintetiza: “Todo trabalho abstrato é trabalho social e socialmente igualado, mas nem todo trabalho socialmente igualado pode ser considerado trabalho abstrato” (Rubin, 1987, p. 155).

Assim, para que o trabalho abstrato surja, é preciso que 1) haja trabalho privado que busque se igualar (equiparar) na e por meio da relação de troca de produtos (mercadorias); e 2) que essa igualação assuma *no produto* (coisificação) a forma do valor – ou seja, manifeste-se enquanto valor de troca. Sem isso, sem economia privada e sem atos de trocas de mercadorias, não haveria, segundo Rubin, trabalho abstrato (nem valor).

Recapitulando seu argumento, o autor se refere diretamente à concepção de Dashkóvski (citado em nota de rodapé):

Se alguns autores confundem erroneamente trabalho abstrato com trabalho fisiologicamente igual, outros cometem um erro igualmente inaceitável, ainda que não tão grosseiro: confundem o trabalho abstrato com trabalho socialmente igualado. Seu raciocínio pode ser reduzido ao seguinte: o órgão de uma comuna socialista, como vimos, iguala o trabalho de diferentes formas e indivíduos com a finalidade de contabilização e distribuição do trabalho, isto é, reduz todo o trabalho a uma unidade geral que é necessariamente abstrata; o trabalho adquire assim o caráter de trabalho abstrato. Se esses autores insistem em que estão certos ao chamar o trabalho socialmente igualado de ‘abstrato’, podemos reconhecer esse direito: todo autor tem o direito de designar com qualquer termo de sua escolha um fenômeno, muito embora essa terminologia arbitrária possa ser muito perigosa e criar grande confusão na ciência (Rubin, 1987, p. 155).

Rubin quer demonstrar que no “sistema de Marx o conceito de trabalho abstrato está inseparavelmente relacionado às características básicas da economia mercantil” (Rubin, 1987, p. 156). O problema da concepção de Dashkóvski, segundo nosso autor, é que ela considera o trabalho abstrato como algo *diretamente social*. Afinal, na visão de

Dashkóvski o trabalho abstrato é uma *igualação social produzida antes da troca das mercadorias* – no fato de os trabalhadores, devido à rotatividade entre as esferas econômicas, considerarem seus trabalhos meramente como trabalhos em geral.

Com tal concepção, segundo Rubin, apagar-se-ia a distinção-chave apresentada por Marx entre trabalho concreto/privado e trabalho abstrato/social. Para Marx, o trabalho, sob o capitalismo, *só se tornaria social graças à troca de mercadorias*. No capitalismo, insiste tantas vezes o alemão, o trabalho é *indiretamente* social (torna-se social no ato de troca). Apenas quando o produto do trabalho privado é transformado em produto social (troca da mercadoria por dinheiro), o trabalho privado é cancelado como parte do trabalho social, ou, como afirma Rubin, “é trabalho universal abstrato”. Assim, só graças à troca econômica, que conforma a sociedade capitalista, surgiria o trabalho abstrato.

Ao entender trabalho abstrato como diretamente social (devido à sua natureza fisiológica), Dashkóvski teria apagado as fronteiras que diferenciariam uma economia capitalista e uma comunista. Afirma Rubin (1987, p. 157):

Numa grande comunidade socialista, o trabalho dos membros da comunidade, em sua forma concreta (por exemplo, o trabalho de um produtor de calçados) está diretamente incluído no mecanismo unificado de trabalho da sociedade e é igualado a um determinado número de unidades de trabalho social (se nos referirmos à fase inicial de uma economia socialista, quando o trabalho dos indivíduos ainda é avaliado pela sociedade [...]). O trabalho em sua forma concreta é, neste caso, diretamente trabalho social. É diferente numa economia mercantil, onde o trabalho concreto dos produtores não é diretamente trabalho social, mas privado, ou seja, trabalho de um produtor mercantil privado, um proprietário privado de meios de produção, e um organizador autônomo da atividade econômica. Este trabalho privado só pode tornar-se social através da sua igualação com todas as outras formas de trabalho, através da igualação de seus produtos.

Assim, no capitalismo o trabalho concreto não é social desde o início; ele *se torna social* ao ser igualado (no ato de troca) a outro produto, o dinheiro. Diz Rubin que quando ocorre o ato de troca o trabalho concreto “despoja-se de sua forma concreta determinada e se torna trabalho impessoal, uma partícula da massa global de trabalho social homogêneo” (Rubin, 1987, p. 157).

Como se pode notar a posição de Dashkóvski ajudou Rubin a compreender o conceito de trabalho abstrato em maior detalhe. Agora ele não é apenas diferenciado da mera generalidade fisiológica, mas também da concepção que abstrai os traços concretos das diferentes atividades produtivas particulares (devido à rotatividade dos trabalhadores

e sua indiferença frente a seu trabalho) e concebe mentalmente, a partir daí, a noção de “trabalho” em geral. Agora, para além disso, o trabalho abstrato é claramente expresso como o trabalho que foi socialmente igualado graças à estrutura mercantil da economia (no próprio ato da troca econômica).

Considerações finais

Neste artigo buscamos entender como, em meio à rica conjuntura econômica e política soviética dos anos 1920, Rubin desenvolveu e aprofundou conceitos importantes apresentados em seus *Ensaio sobre a teoria do valor de Marx*. Particularmente, analisamos aqui o desenvolvimento do conceito de *trabalho abstrato* a partir das críticas a Rubin feitas por I. Dashkóvski. Graças às críticas deste, Rubin notou que não havia diferenciado de forma suficientemente clara os conceitos de trabalho abstrato e trabalho fisiológico; compreendeu que a sua negação deste último fora realizada antes de forma unilateral e gerara interpretações equivocadas. Tendo isso em vista, Rubin desenvolveu, pela primeira vez de forma clara na crítica da economia política, uma diferenciação entre três tipos de trabalhos igualados: trabalho fisiologicamente igual; trabalho socialmente igualado e trabalho abstrato. Ele foi assim capaz de demonstrar como apenas o último conceito caracterizaria propriamente a forma do trabalho sob o modo de produção capitalistas e argumentar coerentemente, do nosso ponto de vista, que numa sociedade emancipada do capital não haveria vigência de categorias como trabalho abstrato e valor.

Referências

BOLDYREV, I. & M. KRAGH, M. Isaak Rubin: Historian of Economic Thought During the Stalinization of Social Sciences in Soviet Russia. *Journal of the History of Economic Thought*, Cambridge, vol. 37, n. 3, pp. 363–386, agosto de 2015.

CARR, E. H. *The Bolshevik Revolution, 1917-1923*, vol. 2. New York City / London: Norton & Company, 1985.

DASHKÓVSKI, I. Trabalho abstrato e as categorias econômicas de Marx. *Eleutheria, revista do curso de Filosofia – UFMS*. Tradução de Rafael A. Padial. Mato Grosso do Sul, vol. 9, n. 16, pp. 181–210, 2024.

ГРЕЧЕНКО, В. А. [GRECHENKO, V. A.]. І. К. Дашковський: нарис політичної діяльності [I. K. Dashkovsky: Um esboço de sua atividade política]. *Історія В Особах* [History in Personalities], n° 10, pp. 87-94, 1991.

MARX, K. Einleitung zu den 'Grundrissen der Kritik der politischen Ökonomie'. In *MEGA2, II.1.1*, Berlin: Dietz, 1976.

PREOBRAZHENSKY, E. Paper Money in the Epoch of Proletarian Dictatorship. In PREOBRAZHENSKY, E. *Preobrazhensky papers*. Leiden/Boston: Brill, Historical Materialism book series, 2014.

RUBIN, I. *A teoria marxista do valor*. São Paulo: Polis, 1987.

RUBIN, I. *Essays on Marx's Theory of Value. Conceived as a Variorum Edition*, Leiden / Boston: Brill, Historical Materialism book series, 2025.

RUBIN, I., Trabalho abstrato e valor no sistema de Marx. *Eleutheria, revista do curso de Filosofia – UFMS*. Trad. de Rafael A. Padial e revisão técnica de Jadir Antunes. Mato Grosso do Sul, vol. 8, n. 14, pp. 222–261, 2023.

Takenaga, S. Translator's Introductory Essay – Rubin's Interpretation of Marx's Theory of Value and the Value Controversy in the Soviet Union in the 1920s. In: RUBIN, I., *Essays on Marx's Theory of Value. Conceived as a Variorum Edition*. Leiden / Boston: Brill, Historical Materialism book series, pp. 913–987, 2025.

Recebido em: 22/09/2025

Aprovado em: 17/11/2025

Publicado em: 21/01/2026